

ANAIS DO I SIMPÓSIO INTEGRADO DE SAÚDE DA MULHER DE SINOP - RESUMOS SIMPLES



I SISM

**I SIMPÓSIO INTEGRADO DE
SAÚDE DA MULHER DE SINOP**

**UFMT – Campus Sinop
26 e 27 de outubro de 2020**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP

Comissão Científica

Ana Luisa da Silva

Karen Nayara de Souza Braz

Bianca Reis de Freitas

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO MEDIDA DE PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Vaz, R. L.¹; Vaz, I. L.²; Rosa, D. V.³

¹Acadêmico do Curso de Medicina do Centro Universitário de Anápolis, GO, Brasil.

²Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás Campus Goianésia, GO, Brasil.

³Docente do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás Campus Goianésia, GO, Brasil.

E-mail do autor principal: rodolfo236vaz@gmail.com

Introdução: A gravidez na adolescência é causa frequente de complicações na ordem biológica e também sociais e econômicas. Representa risco tanto para a mãe quanto para o feto, uma vez que a adolescente não está completamente preparada fisicamente e psicologicamente para uma gestação. **Objetivo:** Analisar e compreender a educação em saúde como medida de prevenção da gravidez na adolescência. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada a partir de buscas nas plataformas PubMed, Scielo e BVS, utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DECS) “educação em saúde”, “gravidez na adolescência” e “prevenção”, em inglês, espanhol e português, combinados pelos operadores booleanos “AND” e “OR”. Foram obtidas 18 referências, das quais 11 foram selecionadas levando em consideração os critérios de inclusão: relevância, abordagem temática, idioma, além do período de publicação de 2015 a 2020. **Discussão:** Os estudos apontam que a causa da gravidez na adolescência é multifatorial, engloba fatores socioeconômicos e também culturais. Tem um impacto significativo sobre os indicadores sociais, pois acarreta em menor probabilidade de conclusão do ensino médio, dificuldade para ingressar no mercado de trabalho, e baixos salários. Neste contexto, a educação sexual apresenta um caráter preventivo, de responsabilidade de escolas e também das unidades voltadas para Estratégia de Saúde da Família (ESF). Demonstra ser uma ferramenta útil para prevenção e redução dos riscos de gravidez entre adolescentes, além de orientar sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). **Conclusão:** Os resultados obtidos direcionam para a necessidade das instituições educacionais proporcionarem uma orientação ampla sobre a saúde sexual, por meio de projetos e palestras que abordam a relevância do tema, dando ênfase a gravidez na adolescência, assim como, formas de prevenção e riscos das complicações durante a gravidez precoce.

Palavras-chave: Educação em Saúde, Gravidez na Adolescência, e Prevenção.

ABORDAGEM NÃO FARMACOLÓGICA À SÍNDROME DO OVÁRIO POLICÍSTICO: REVISÃO INTEGRATIVA

Lima, É.V.¹; Albuquerque, B.C.L.¹; Azevedo, B.M.A.¹; Primo Júnior, I.P.¹; Alves, I.A.B.S.².

¹. Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Caruaru - PE, Brasil.

². Docente do curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Caruaru - PE, Brasil.

E-mail do autor principal: ellydavitoria@gmail.com

Introdução: A Síndrome do Ovário Policístico (SOP) é uma endocrinopatia que afeta cerca de 10% das mulheres na menacme, podendo manifestar hiperandrogenismo, anovulação e ovários policísticos, onde o diagnóstico provém de dois desses sinais. Essa síndrome propicia comorbidades como dislipidemia, resistência insulínica e risco cardiovascular. Apesar da mudança de estilo de vida ser recomendada como primeira linha de tratamento, por promover diminuição dos sintomas e prevenir condições associadas, é comum a prescrição medicamentosa como primeira opção. **Objetivo:** Compreender a importância da abordagem não medicamentosa da SOP por mudanças do estilo de vida. **Metodologia:** Revisão integrativa nas bases de dados Medline, LILACS, Scielo e Periódicos CAPES, com os descritores Síndrome do Ovário Policístico, Estilo de Vida e Exercício Físico. Os critérios inclusivos foram artigos completos publicados entre 2012 e 2020, em português e inglês, excluindo artigos duplicados. Foram 165 artigos encontrados e 45 selecionados. **Discussão:** Estratégias como dieta saudável, prática regular de exercício físico e acompanhamento psicológico resultam em melhoras significativas no quadro clínico da SOP, como regulação do ciclo menstrual, redução do hiperandrogenismo, dos níveis lipídicos e da resistência à insulina, gerando maior bem-estar físico e emocional dessas mulheres. Esses resultados são satisfatórios mesmo sem perda de peso considerável ou em mulheres com peso adequado, mostrando que o sucesso do tratamento independe da perda de peso. **Conclusão:** Diante do paradigma da terapia unicamente medicamentosa, é importante fomentar a eficácia do tratamento não farmacológico da SOP e incentivar sua prática, sabendo que apesar de ser a primeira linha de tratamento, muitas vezes não é incentivada na prática médica.

Palavras-chave: Síndrome do Ovário Policístico; Estilo de Vida; Exercício Físico.

ASSISTÊNCIA À SAÚDE MATERNA NA GRAVIDEZ DE MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Santos, S.B.¹ Ribeiro, M.S.² Ferreira, V.S.³

^{1,2}Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Federal do Maranhão, MA, Brasil.

³Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal do Maranhão, MA, Brasil.

E-mail do Autor Principal:sarabr86@gmail.com

Introdução: A gravidez em mulheres encarceradas tem vulnerabilidades intensificadas, por particularidades relacionadas ao nascimento e à maternidade, ou seja, o parto antes visto como um evento positivo torna-se uma fonte de estresse psicológico. Diante disso, há uma compreensão limitada das necessidades específicas das mães, pelas instituições correccionais e por provedores de serviços da saúde. **Objetivo:** Avaliar o cuidado a saúde materna durante a gestação, enquanto parte do sistema penitenciário. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura com estudos disponíveis nas bases de dados Lilacs, Medline e Pubmed. Utilizou-se os descritores “assistência”, “gravidez” e “prisão”, e o operador booleano “And”. Os critérios de inclusão foram estudos no idioma inglês, disponíveis na íntegra, realizados entre 2015 e 2020. Artigos com literatura destoante do objetivo abordado e com repetição entre as bases de dados foram excluídos da revisão. Identificou-se 78 artigos. Selecionou-se 13 pesquisas. **Discussão:** A maioria das mulheres já estava grávida na época do encarceramento. Assim, o pré-natal tem início tardio e um menor número de consultas. Nesse contexto, a violência durante a internação hospitalar e o pouco apoio familiar durante a gravidez, são constantes. Ademais, há uma longa espera entre o início do trabalho de parto e o primeiro atendimento na unidade prisional, que mostra a impossibilidade do serviço em tempo hábil. Além de sofrer abusos verbais e psicológicos, tanto por parte da equipe de saúde quanto dos agentes penitenciários, permanecem algemadas no hospital até mesmo durante o trabalho de parto. **Conclusão:** Depreende-se, portanto, que as condições das mães encarceradas são precárias. Com isso, o pré-natal, as condições durante e após o parto são inadequadas, bem como a baixa satisfação com o atendimento recebido do serviço de saúde. Assim, o mesmo não tem funcionado como barreira protetora e garantia de direitos para esse grupo populacional.

Palavras-chave: Gestação; Vulnerabilidade; Cárcere; Saúde.

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO FORENSE FRENTE AO ATENDIMENTO ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Andrade, M. A. ¹; Santos, V. C.²; Barbosa, F. R.²; Cerqueira, F. P.³.

¹Discente de Enfermagem pela Universidade Salvador. Salvador/BA,

²Discente de Enfermagem pela Universidade Salvador. Salvador/BA;

³Enfermeira graduada pela Universidade Salvador. Salvador/BA.

E-mail do autor principal: marianamdade@gmail.com;

INTRODUÇÃO: Em 2018, o Brasil registrou cerca de 180 casos de estupro por dia, perpassando todas as esferas da sociedade. Tais atos são praticados por indivíduos do convívio da vítima, fator que dificulta a notificação adequada pelo SINAN (Sistema de Informação Nacional de Agravos e Notificação Compulsória). **OBJETIVOS:** Avaliar o papel da enfermagem forense em casos de violência sexual e sua conduta mediante a vítima e o possível agressor. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão de literatura com levantamento bibliográfico do período de 2017 a 2019 nas bases de dados virtuais Scielo e Lilacs. Sendo utilizados os seguintes descritores: Cuidados de Enfermagem, Enfermagem Forense e Violência Sexual. Definiram-se como critérios de inclusão os artigos em língua portuguesa, completos e gratuitos, com resumos disponíveis; e critério de exclusão: artigos duplicados nas bases de dados. **DISCUSSÃO:** Muitas vezes, a enfermagem é o primeiro contato do paciente e é também quem acompanhará todo o processo, gerando a necessidade de uma visão preparada para perceber os menores indícios de violências, como escoriações, hematomas, lesões sem explicação, quedas constantes e aparente medo do acompanhante, entre outros. Para isso, é fundamental que apliquem - se os instrumentos de enfermagem e as políticas públicas vigentes, sempre mantendo a discricção para que não haja mais agravos ao realizar a notificação. **CONCLUSÃO:** A enfermagem forense pode ainda atuar em tribunais de justiça e desenvolver ações de educação preventiva para indivíduos com comportamento de risco, não só exercendo medidas terapêuticas, mas também de precaução. Dessa forma, ratifica - se o cuidado de enfermagem como fundamental para a identificação e prevenção de vítimas de violência sexual, devido a proximidade com o cuidado do paciente, sempre zelado por um cuidado humanizado e acolhedor dessas vítimas.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidados de Enfermagem; Enfermagem Forense; Violência Sexual.

AUMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 EM 2020: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Cavalheiro, BVT¹; Sanches, NM¹; Alves, EV².

¹Acadêmico do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso Campus Sinop, MT, Brasil;

²Enfermeira Especialista em Instrumentação Cirúrgica FASIFE e Mestranda em Ciências em Saúde –PPGCS/UFMT

E-mail do autor principal: bruno.vargascavalheiro@gmail.com

Introdução: A violência doméstica, ação ou omissão baseada no gênero que cause morte, dano físico, sexual, psicológico ou moral, aumentou no mundo durante a pandemia de COVID-19, tornando a mulher uma vítima iminente. **Objetivos:** Compreender as causas que provocaram o aumento da violência doméstica durante a pandemia de COVID-19 em 2020. **Métodos:** Realizou-se uma revisão de literatura nas plataformas Biblioteca Virtual em Saúde, SciELO e PubMed. Usou-se os descritores: (“social isolation”) AND (“domestic violence”) AND (“Covid-19”) AND (“violence against women”) resultando em 36 artigos. Foram selecionados 8 segundo os critérios de inclusão: artigos publicados em 2020, em português e inglês, com textos completos online. **Discussão:** A pesquisa mostra que o isolamento social na pandemia proporcionou situações suscetíveis a aumentar o estresse no lar (desemprego e medo do contágio viral) que atreladas ao aumento do consumo drogas pelo parceiro perpetrador, promoveu um palco mais factício a violência doméstica. Além disso, o estereótipo de gênero feminino ser o responsável pelos cuidados domésticos sobrecarrega a mulher nos trabalhos de casa, comprovando que o lar é uma esfera de exercício de poder masculino. Ademais, no isolamento, as mulheres ficaram mais desamparadas, pois, com maior frequência são vigiadas e impedidas de conversar com familiares e amigos, possibilitando manipulação psicológica. Por fim, a pandemia diminuiu a oferta de serviços de apoio que juntamente com o medo de contágio viral reduziu a busca por ajuda. **Conclusão:** O aumento da violência doméstica ocorreu em decorrência do agravamento, na pandemia, de fatores sociais e históricos, como estereótipos de gênero e cultura patriarcal, transcritos dentro do ambiente de isolamento. Além disso, o impacto econômico e o risco do contágio viral prejudicaram o assistencialismo social, desamparando as vítimas.

Palavras-chave: social isolation; domestic violence; COVID-19; violence against women.

AVALIAÇÃO DE RESULTADOS DE MAMOGRAFIA REALIZADOS EM UMA CIDADE DO LESTE DE SÃO PAULO

ZUIN, B.D.¹; SOARES, T. L.²

¹Acadêmica do Curso de Biomedicina no Centro Regional Universitário de Espírito Santo Do Pinhal -UNIPINHAL, SP, Brasil.

² Professora do Curso de Biomedicina no Centro Regional Universitário de Espírito Santo Do Pinhal -UNIPINHAL, SP, Brasil

E-mail do autor principal: brunazuin@hotmail.com

Introdução: O câncer de mama é o câncer que mais acomete as mulheres, excluindo apenas os casos de pele não melanoma, e é uma das principais causas de morte em países desenvolvidos e em desenvolvimento. A detecção precoce é de extrema importância para o tratamento visando à cura, por isso é necessário realizar exames de rotina. **Objetivo:** O objetivo desse estudo foi analisar os resultados dos exames das mamas das pacientes que foram realizar seus exames em Centro Radiológico Pinhalense (CRP) em Espírito Santo do Pinhal/SP. **Metodologia:** O trabalho foi aprovado pelo comitê de ética (CEP) Faculdade Ceres - FACERES, com o número de parecer: 4.169.361. Foi realizado um estudo quantitativo através de análise dos resultados dos exames de mamografia durante o mês de Outubro de 2019. Foram coletados os resultados dos exames através de consulta ao banco de dados, sem identificá-los. **Resultados:** Foram encontrados 231 exames realizados, no qual a maior porcentagem (34%) encontravam-se na faixa etária de 50 a 59 anos. Dos resultados encontrados, 63% foi classificado como Bi-rads 2. Os exames encontrados com Bi-rads 0 (2%) e 4 (1%) foram verificados/confirmados com exames de ultrassom de mama. Ao realizar o ultrassom nos pacientes em bi-rads 0 foi encontrado 40% bi-rads 2, 20% bi-rads 1 e 20% bi-rads 3 e os exames com bi-rads 4, no ultrassom foi classificado 50% birads 2 e 50% bi-rads 1. Não foram encontrados resultados de exames de ressonância magnética nas confirmações de diagnóstico. **Discussão:** Analisando a maioria das pacientes com Bi-rads 2, esse resultado tem como significado alterações benignas, achados estes que merecem ser mencionados, mas são tipicamente benignos (fibroadenomas calcificados, calcificações secretórias, lesões com conteúdo gorduroso, linfonodos intramamários, próteses etc). **Conclusão:** Concluiu-se que a maioria dos exames realizados foram encontrados bi-rads 2 e verificou-se a necessidade de confirmação de diagnóstico por outros exames, além da mamografia.

Palavras-chave: Câncer de mama; Diagnóstico; Bi-rads.

COMPLICAÇÕES DA SÍFILIS CONGÊNITA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Dias, J. C.A.¹ Quirino, S. R.² Soares, M. S.³ Silva, D. O.⁴

¹Acadêmica do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú, CE, Brasil.

²Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, CE, Brasil.

³Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, CE, Brasil.

⁴Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú, CE, Brasil.

E-mail do autor principal: rsimone710@gmail.com

Introdução: A Sífilis Congênita (SC) constitui-se um sério problema de saúde pública. Em 2015, o Brasil registrou em torno de 40 mil casos de sífilis congênita. As mortes provocadas pela doença também cresceram de forma expressiva, a taxa de mortalidade é de 7,4 casos para cada 100 mil nascidos vivos. **Objetivo:** Realizar um levantamento bibliográfico acerca das complicações ocasionadas pela sífilis congênita. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura nas bases de dados LILACS, BDNF e SciELO. Foram utilizados os descritores: “Sífilis Congênita” e “Complicações”, como critério de inclusão foram considerados: texto completo, idioma português, publicados com o recorte temporal de 2015 a 2020, e como critério de exclusão: textos duplicados e incompletos. Foram encontrados 34 artigos, porém, após aplicar os critérios de elegibilidade 8 artigos foram incluídos na revisão. **Discussão:** De acordo com a literatura, a sífilis congênita ocasiona frequentemente morte intrauterina, apresentando mais de 50% dos casos sob a forma de aborto, natimorto e óbito neonatal, além de complicações precoces e tardias nos recém-nascidos. Dentre as complicações precoces destacam-se as lesões cutâneo-mucosas, como exantema maculoso em face e extremidades, lesões bolhosas, condiloma latum, fissuras periorais e anais. Já as principais complicações tardias são a úlcera gomosa, com tendência ao envolvimento de nariz, septo e palato duro, e lesões periostais provocando a chamada tibia em lâmina de sabre e bossa nos ossos parietais e frontais. Além disso, existem outras sequelas, no entanto, são raras, como os dentes incisivos de Hutchinson, fissuras periorais e desenvolvimento anormal da maxila. **Conclusão:** Conclui-se que as complicações ocasionadas pela sífilis congênita são inúmeras, necessitando assim, o preparo do profissional da assistência pré-natal, de modo que este possa garantir o diagnóstico e tratamento precoce da doença, visando reduzir os seus desfechos desfavoráveis.

Palavras-chave: Sífilis congênita; Complicações; Pré-natal

CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DAS MÃES E DESAMPARO DA LEI COMO IMPEDITIVOS DA AMAMENTAÇÃO EXCLUSIVA

SANTOS, Y.B.¹; MEIJERINK, C.I.²; SCHUINSKI, A.F.M.³

¹ Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, Brasil.

² Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, Brasil.

³ Médica discente do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, Brasil

E-mail do Autor Principal: yasmimbricksantos@gmail.com

Introdução: O leite materno promove incontáveis benefícios para o binômio mãe e filho, porém não atinge os índices que deveria, muitas vezes por questões externas à vontade da mulher. **Objetivo:** Relacionar a condição socioeconômica das mulheres e a insuficiência da legislação com as dificuldades para amamentação. **Metodologia:** Pesquisas nas bases PUBMED, SciELO e LILACs com os descritores “socioeconomic factors”, “breastfeeding”, “legislation”, “problems/ difficulty” e “breastfeeding”, “work” geraram 1860 artigos, sendo 15 selecionados, além da análise da legislação brasileira relacionada. **Resultados:** a amamentação por vezes não é escolha das mães: apesar dos claros benefícios, elas não podem praticá-la por conta do perfil socioeconômico, como falta de apoio familiar e social, pobreza, necessidade de emprego e condição de chefe de família. Assim, classes mais vulneráveis são menos propensas a amamentar, principalmente na modalidade exclusiva. Nesse âmbito, a legislação adquire um papel importante. No Brasil há duas políticas principais, a Proteção Legal ao Aleitamento Materno, que confere licença maternidade, pausas para amamentação e proíbe demissões, e o Apoio à Mulher Trabalhadora que Amamenta, que se dirige às mães trabalhadoras e aos empregadores por meio de cartilhas meramente informativas, mas sem imposições legais. Mesmo a possibilidade de pausa no trabalho para amamentar não é suficiente, já que o ambiente é inadequado e há julgamento da equipe. Assim as mulheres cedo introduzem fórmulas infantis e desistem da amamentação. **Conclusão:** embora o Brasil se denomine um eficiente protetor da amamentação, as políticas são insuficientes e permeiam lacunas que ignoram a necessidade de apoio governamental, empregatício e social na questão, legando a responsabilidade inteira às mães. Mulheres menos favorecidas economicamente são privadas do direito de amamentar e necessitam de legislações trabalhistas mais fortes na questão, além de conscientização social.

Palavras-chave: Fatores Socioeconômicos, Aleitamento Materno, Legislação, Legislação Trabalhista, Direitos da Mulher, Mulheres Trabalhadoras

CONTRIBUIÇÕES DO ENFERMEIRO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA NA DEPRESSÃO PÓS-PARTO

OLIVEIRA, M.G.¹ TORRES, A.J.² RAMOS, S.I.³ DUTRA, A. P.⁴

^{1,2, 3} Acadêmicos do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Maurício de Nassau Campus Fortaleza, CE, Brasil.

⁴ Professora Curso de Enfermagem do Centro Universitário Maurício de Nassau Campus Fortaleza, CE, Brasil.

E-mail: gessilenemartins2013@gmail.com

Introdução: Segundo a Organização Mundial da Saúde a depressão pós-parto atinge cerca de 25% das mães. Em 2017 o número de nascidos foi 2,9 milhões de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acontece logo após o parto, entre as manifestações clínicas: tristeza, desesperança, crises de choro entre outros. Ocorre principalmente devido as alterações hormonais decorrentes do término da gravidez. **Objetivo:** Evidenciar a importância dos cuidados de enfermagem em situações de depressão pós-parto.

Metodologia: Trata-se de uma revisão de literatura, realizada no mês de setembro de 2020. As bases de dados foram: LILACS, BDNF, MEDLINE e SCIELO. Os Descritores: Depressão pós-parto e Primeiro nível de assistência. Foram encontrados no total 17 artigos, e selecionado 10 artigos dos últimos 10 anos. Critérios de inclusão: Artigos que abordassem a temática na íntegra no idioma português e inglês. Critérios de exclusão: teses, dissertações e revisão bibliográfica. **Resultados:** A gravidez e puerpério são fases que promovem diversas transformações biopsicossociais que pode repercutir na saúde mental da mulher. O pré-natal, e a visita domiciliar a puérpera pelo enfermeiro somam-se em cuidados fundamentais. Durante a assistência puerperal, são estabelecidos os objetivos: verificar o estado de saúde da mulher e do recém-nascido; avaliar e apoiar o aleitamento materno; orientar o planejamento familiar; identificar situações de risco ou intercorrências e conduzi-las; avaliar a interação da mãe com o bebê e, ainda, complementar ou realizar ações não executadas no pré-natal. Os objetivos destacados acima, a puérpera deve ter acesso a uma assistência qualificada, na qual seja possível compartilhar as ansiedades e esclarecer as dúvidas para amadurecimento e resposta à nova etapa de sua vida.

Conclusão: Portanto, a enfermagem é de suma importância frente as mulheres com a depressão pós-parto pois, é o primeiro contato que a mulher tem no serviço de atenção básica.

Palavras-chave: Enfermagem centrado no paciente, Depressão pós-parto, Primeiro nível de assistência.

DETERMINAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA SÍFILIS GESTACIONAL NO BRASIL NO PERÍODO DE 2009 A 2018

Souza, M.J.N.¹Carnaúba, A.A.¹Silva, M.G.¹Cabral, A.B.²Silva, J.C.²

¹ Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), AL, Brasil.

² Docente da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL); Docente e pesquisadora do programa de Pós-graduação, Análise de Sistemas Ambientais pelo Centro Universitário Cesmac.

E-mail: maria.jacquelinens@gmail.com

Introdução: a sífilis é uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST), causada pela bactéria *Treponema pallidum* relacionada a questões sociodemográficas. Quando diagnosticada durante a gestação, é denominada de sífilis gestacional (SG), a qual apresenta um crescimento significativo de casos no Brasil. **Objetivo:** determinar o perfil epidemiológico da sífilis gestacional no Brasil no período de 2009 a 2018. **Métodos:** pesquisa descritiva e transversal, a qual analisou, mediante aos dados divulgados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), aspectos sociodemográficos e clínicos da SG no Brasil no período analisado. Por fim, tal como a Resolução N° 510 de 07 de abril de 2016, foi dispensada a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). **Resultados:** de 2009 a 2018, foi quantificado um total de 279.585 casos de SG e a prevalência epidemiológica foi de mulheres grávidas com idade entre 20 a 29 anos, de raça parda e escolaridade baixa (quinta a oitava série incompleta); no aspecto clínico, destacou-se o 1º trimestre de gestação ao diagnóstico, este sendo prevalente no pré-natal, bem como a sífilis primária na classificação clínica e a penicilina como forma de tratamento mais utilizada. Ademais, tem-se a região Sudeste com o maior número de casos de SG. **Discussão:** a SG ainda é bastante disseminada no Brasil, o que pode desencadear problemas para o feto e para saúde da mulher. Dado isso, destaca-se a insuficiência da Estratégia Saúde da Família (ESF), o que favorece um atendimento fragilizado, subnotificações e dados ignorados. Logo, é fundamental aprimorar a atenção básica de saúde para cuidar das gestantes de maneira universal, integral, equitativa e humanizada. **Conclusão:** a partir do perfil, concluiu-se a necessidade de ampliar a ESF e de inibir a subnotificação de dados; além de um maior envolvimento e integração entre os sistemas municipal, hospitalar e de atenção básica.

Palavras-chave: Epidemiologia; Sífilis; Sífilis gestacional; Brasil.

DIMINUIÇÃO DO NÚMERO DE MAMOGRAFIAS REALIZADAS EM SINOP (MATO GROSSO) DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UM LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO

Sanches, NM¹; Ricken, CLRS²; Cavalheiro BVT¹; de Oliveira, JC³.

¹ Acadêmico do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso Campus Sinop, MT, Brasil;

² Nutricionista e Mestranda em Ciências em Saúde -PPGCS/ UFMT;

³ Professor do Instituto de Ciências da Saúde e credenciado ao Programa de Pós-Graduação Ciências em Saúde (PPGCS) na Universidade Federal de Mato Grosso;

E-mail do autor principal: nathaliamacssanches@gmail.com

INTRODUÇÃO: A mamografia, exame de imagem radiográfico, identifica nódulos e lesões nas mamas com viés de rastreio e diagnóstico de câncer. Devido a pandemia de COVID-19, a população feminina do município de Sinop deixou de realizar os exames de imagem preventivos, pois há receio da contaminação viral em unidades de saúde. **OBJETIVOS:** Analisar o número de mamografias realizadas, em Sinop, de janeiro a setembro dos anos de 2018 a 2020, prevendo queda na quantidade de exames em 2020 devido a pandemia de COVID-19. **MÉTODOS:** O estudo epidemiológico, descritivo, de correlação, foi constituído a partir de dados obtidos do Sistema de Informação do Câncer (SISCAN), por meio do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), que analisou a quantidade de mamografias em Sinop de janeiro a setembro de 2018 a 2020. **RESULTADOS:** De janeiro a setembro de 2018 e 2019 foram feitas em Sinop, respectivamente, 1851 e 1319 mamografias, enquanto que, em comparação aos mesmos meses de 2020, realizou-se apenas 231. Assim, ao comparar os dados de 2020 com os de 2018 e 2019, evidencia-se decréscimo de, respectivamente, 87,52% e 82,48% de mamografias. **DISCUSSÃO:** Observa-se notória diminuição na quantidade de mamografias feitas em Sinop em 2020, considerando-se os dados dos dois anos anteriores. O decréscimo relaciona-se com a pandemia de COVID-19, pois, devido ao medo de contágio viral, mulheres estão receosas em ir à unidade de saúde. Então, tal exame com viés de rastreio e diagnóstico está sendo postergado, culminando em detecção tardia de neoplasia mamária. **CONCLUSÃO:** Em 2020, houve declínio no número de mamografias em Sinop, se comparado com 2018 e 2019, por receio de contaminação por coronavírus em hospitais, desencadeando diagnóstico tardio de neoplasia da mama, aumento do tumor e menor tempo de sobrevivência. Portanto, no futuro, haverá drástico aumento de casos incidentes e mortalidade feminina por este câncer.

PALAVRAS-CHAVES: Mamografia; Neoplasias da mama; Coronavírus;

ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DA MORTALIDADE DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO NO MATO GROSSO NO PERÍODO DE 2005 A 2019

SANTOS, Renata Fontoura^{1,2}; GUERRA, Fernanda da Costa Ferreira^{1,2}; SALMERON, Sarah Ramany Faria^{1,2}; BRAZ, Karen Nayara de Souza^{1,2}; BORGES, Júlia Ribeiro^{1,2}; TANAKA, Bruna Sayuri^{1,2}; LIMA, Diego Torres Ramos Roberto^{1,2}; PAIM, Neiva Pereira^{1,2}; ALESSIO, Aline Morandi^{1,2}

¹Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Sinop (MT), Brasil.

²Liga Acadêmica de Oncologia de Sinop (LAONCO), Curso de Medicina, Campus Universitário de Sinop.

E-mail autor principal: renatafontoura.med@gmail.com.

Introdução: O câncer de colo de útero é a terceira neoplasia mais frequente na população feminina no Brasil. A prevenção está relacionada principalmente à diminuição do risco de transmissão e ao diagnóstico precoce de lesões precursoras **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico dos óbitos notificados por câncer de colo de útero no estado de Mato Grosso de 2005 a 2019. **Metodologia:** Estudo transversal e descritivo. Coletou-se dados da Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso e os aspectos éticos seguiram a Resolução do Conselho Nacional de Saúde número 510/2016. **Resultados:** Foram notificados 1162 óbitos. A faixa etária mais acometida foi de 40 a 64 anos (56,4%), seguida de acima de 65 anos (28,5%) e, por fim, 15 a 39 anos (15,1%). Quanto à raça/cor, 59,6% eram pardas, 30,2% brancas, 7,5% negras e 2,7% outras raças ou não especificados. Quanto à macrorregião, 52,1% dos óbitos ocorreram no Centro-Norte, 17,5% no Sul, 13,1% no Norte, 8,4% no Oeste, 7,4% no Leste e 1,5% outros estados ou ignorados. Em 2019 ocorreu o maior número de notificações 93 (8%), a média de casos entre os anos foi 77,5 notificações e o período com menor notificações foi 2012 com 60 registros (5,1%). **Discussão:** A frequência do câncer de colo de útero aumentou progressivamente a partir da quarta década de vida, o que corrobora com os achados descritos na literatura. No estado de Mato Grosso, a macrorregião Centro-Norte, que inclui a capital Cuiabá e municípios ao redor, foi a com maior número de óbitos, correspondendo a região com maior concentração populacional e um importante polo econômico. O maior número de óbitos ocorreu em pardas, o que pode ser um reflexo da miscigenação brasileira. **CONCLUSÃO:** Observa-se que o maior número de óbitos ocorreu em 2019, predominantemente em pardas com idade entre 40 e 64 anos e que residiam na macrorregião Centro-Oeste do estado de Mato Grosso.

Palavras chave: Mortalidade; Câncer de colo do útero; Epidemiologia.

FATORES ASSOCIADOS À MORTALIDADE MATERNA NO NORDESTE DO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Pereira, I.M.M.1; Albuquerque, B.C.L.1;Azevedo, B.M.À.1;Lima, E.C.1; Lima,É.V.1; Primo Júnior, I.P.1; Araújo, J.U.B.C.1; Gomes, C.A.M. 2

¹Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Caruaru-PE, Brasil.

²Docente do curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Caruaru-PE, Brasil.

E-mail do autor principal: igormaxtools@hotmail.com

Introdução: A morte da mulher durante gravidez, parto ou puerpério indica a Mortalidade Materna e revela falhas na cobertura do sistema de saúde brasileiro (CECCON et al, 2020). Esse quadro agrava-se no Nordeste brasileiro, pois seus índices superam a média nacional, mesmo com a subnotificação (CARVALHO et al, 2020). **Objetivo:** Compreender quais fatores influenciam nos índices de mortalidade materna no Nordeste brasileiro. **Metodologia:** Revisão integrativa com busca nas bases de dados Periódicos CAPES, PubMed e Scielo com os descritores “mortalidade materna”, “fatores de risco”, “Sistema Único de Saúde” e “Brasil”. Os critérios inclusivos foram artigos completos publicados em 2016 a 2020, em português e inglês, excluindo artigos duplicados. Foram 748 artigos obtidos e, a partir dos critérios, 17 selecionados. **Discussão:** O Nordeste é uma das regiões com maior número de casos de mortalidade materna. As principais causas são complicações na gravidez, parto e puerpério, além de abortos, intervenções desnecessárias, omissões em saúde e, em menor instância, causas indiretas, como as patologias preexistentes ou adquiridas durante a gestação (LEAL et al, 2018; NASCIMENTO et al, 2018). Entre os óbitos, 92% seriam evitáveis, mostrando que as mortes estão relacionadas a desigualdades no acesso aos serviços de saúde e falhas na assistência pré-natal e parto (CECCON et al, 2020). De acordo com isso, percebe-se que mulheres entre 20 e 39 anos, negras, solteiras e de baixa escolaridade são mais acometidas (CARVALHO et al, 2020). **Conclusão:** A mortalidade materna no Nordeste tem como um fator causal relevante a desigualdade social. Além disso, ela é causada por fatores evitáveis, informação essa importante para profissionais de saúde que cuidam da saúde da mulher durante a gestação e puerpério. Portanto, são necessários mais estudos locais e maior notificação desses dados, visando uma melhoria na assistência dessas mulheres a fim de diminuir a alta taxa de mortalidade materna.

Palavras-chave: Mortalidade materna; Fatores de risco; Sistema Único de Saúde; Brasil.

IMPACTO DA MASTECTOMIA NA AUTOIMAGEM E NA SEXUALIDADE FEMININA

Ferreira, G.F.S.1; Souza, G.P.1; Souza, I.G.1; Oliva, H.N.P.2;

¹ Acadêmico do Curso de Medicina do Centro Universitário Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros, MG, Brasil

² Docente do Centro Universitário Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros, MG, Brasil

Email do autor principal: gabrielfelipe464@gmail.com

Introdução: atualmente, os padrões de beleza atribuem valores a determinadas partes do corpo feminino. Dessa forma, as mamas assumem uma posição de destaque sendo encaradas como símbolo de feminilidade e de atrativo sexual. Assim, a mastectomia provoca modificações na imagem corporal das mulheres, que ocasiona impactos na identidade, com conseqüente efeito na sua sexualidade, feminilidade e planejamento familiar. **Objetivo:** identificar possíveis repercussões da mastectomia na sexualidade e na autoimagem da mulher. **Metodologia:** revisão integrativa de literatura com busca por artigos científicos e teses disponíveis nas bases de dados SciELO e PubMed, em língua portuguesa, publicados entre 2016 e 2020. Foram utilizados os descritores mastectomia e sexualidade combinados entre si. **Discussão:** Após a mastectomia, a mulher se depara com um momento de fragilidade emocional, com comprometimento da autoimagem e conseqüentes repercussões físicas e psíquicas, que provocam danos na qualidade de vida, satisfação sexual e recreativa. Assim, a extração da mama reflete em uma transformação negativa da imagem corporal, sendo a assimetria do corpo um processo evidente e doloroso, em que o tempo contribui na assimilação dessa nova imagem. Essa modificação estética ocasiona inibição durante a relação sexual, visto que altera a autopercepção e a autoestima, refletindo na satisfação e na atividade sexual, como verificado em estudo recente. Ainda, ressalta-se que a compreensão, o amor e o apoio do parceiro são importantes no processo de adaptação e aceitação da mulher com sua nova fisionomia. **Conclusão:** Neste contexto, percebe-se que a mastectomia é uma experiência distinta para cada mulher e a retirada das mamas provoca vulnerabilidade nas pacientes, uma vez que são um símbolo da sexualidade feminina. Portanto, é necessário entendimento do cônjuge, além da atuação conjunta da equipe multiprofissional, com vistas no resgate do autoconceito que a mulher mastectomizada tem de si.

Palavras-chave: Autoimagem; Mastectomia; Saúde da Mulher.

IMPACTO DO CÂNCER DE MAMA NA SEXUALIDADE FEMININA: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Felipe, G.B.C.¹, Brandão, V.C.M.C.B. ¹, Silva, A.M.T.C.,².

¹Acadêmica do curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas, Goiânia, GO, Brasil

²Docente do curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas, Goiânia, GO, Brasil

E-mail do Autor Principal:giovana_barcelos@hotmail.com

Introdução: O câncer de mama é o segundo tipo de câncer mais comum, entre as mulheres, no mundo. Ele requer, muitas vezes, tratamento hormonal e cirurgia, trazendo consequências fisiológicas e psicológicas para as mulheres afetadas. São reportadas pelas pacientes preocupações acerca de diversas áreas de suas vidas, principalmente relacionadas à intimidade e à vida sexual. **Objetivos:** Analisar os impactos do câncer de mama na sexualidade de mulheres afetadas pela doença. **Métodos:** Os artigos foram selecionados na base de dados PubMed. Os descritores utilizados foram: “*breast cancer*” AND “*sexuality*”, e os filtros aplicados foram: “*free full text*”, “*humans*”, “*female*” e “2016-2020”. Foram encontrados 28 artigos, em inglês, sendo 9 deles descartados por não abordarem o tema proposto. **Discussão:** Conforme os artigos analisados, o câncer de mama influencia, negativamente, a sexualidade das mulheres afetadas. As mudanças estéticas, nos seios, alteram a percepção que as pacientes têm sobre o próprio corpo, de forma que, muitas vezes, elas se sentem menos atraentes. Adicionalmente, os tratamentos oferecidos podem gerar alterações fisiológicas que dificultam o coito, como a diminuição da lubrificação. Os estudos também mostraram que as mulheres que passaram por cirurgia de mastectomia são as mais insatisfeitas, sexualmente. Também foram constatados sérios problemas de comunicação entre os clínicos e as pacientes, acerca das preocupações de ordem sexual. **Conclusão:** Conclui-se que o câncer de mama e seu tratamento têm grande impacto, negativo, na sexualidade feminina. Além disso, a dificuldade em levantar questões de cunho sexual, durante a consulta médica, constitui embargo para o tratamento dessas disfunções, sendo necessária reavaliação da relação médico-paciente. Por fim, é importante ressaltar que outros fatores devem ser considerados para a avaliação da saúde sexual da paciente, como o relacionamento com o cônjuge e a possibilidade de cirurgia de reconstrução de mama.

Palavras-chave: Câncer de mama, relações médico-paciente, sexualidade.

IMPACTOS DA SÍNDROME DOS OVÁRIOS POLICÍSTICOS NA INFERTILIDADE FEMININA

Oliveira, R.A.L. de¹; Braga, I.O.²; Lopes, B. de F.³; Braga, R.O.⁴

¹ Acadêmica do curso de medicina das Faculdades Santo Agostinho, Campus Vitória da Conquista, BA, Brasil.

² Acadêmico do curso de medicina das Faculdades Santo Agostinho, Campus Vitória da Conquista, BA, Brasil.

³ Acadêmica do curso de medicina das Faculdades Santo Agostinho, Campus Vitória da Conquista, BA, Brasil.

⁴ Cirurgiã Dentista formada pelo Centro Universitário UniFTC, Campus Salvador, BA, Brasil.

E-mail do autor principal: rosyalineelp@gmail.com

Introdução: a infertilidade é conceituada como a ausência de gravidez após um ano de relações sexuais regulares sem o uso de contraceptivos, para mulheres com menos de 35 anos, e a partir do sexto mês tentando a concepção, para mulheres com 35 ou mais anos. A síndrome dos ovários policísticos (SOP) é uma condição clínica comum de disfunção endócrina que acomete mulheres em idade reprodutiva, que pode alterar a fertilidade, já que envolve disfunções ovulatórias, responsáveis por 25% a 50% das causas de infertilidade feminina. **Objetivo:** Identificar a associação entre a síndrome dos ovários policísticos e a infertilidade feminina. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura realizada nas bases de dados lilacs e scielo, a partir dos descritores em saúde: síndrome dos ovários policísticos; anovulação; infertilidade feminina e reprodução. Os artigos encontrados na busca eletrônica foram analisados e incluídos de acordo com a adequação à temática proposta, com ano de publicação entre 2013 e 2020 disponíveis em português e inglês. **Discussão:** A SOP é marcada pelo conjunto de disfunções nos sistemas endócrino, metabólico e reprodutivo, cujas principais características são o hiperandrogenismo e a anovulação crônica. Esses eventos são justificados pela alteração na pulsatilidade do hormônio luteinizante (LH) impedindo que durante a fase proliferativa do ciclo menstrual ocorra a liberação do gameta feminino. Somado a isso, o hiperestrogenismo exerce um feedback negativo sobre o hormônio folículo estimulante (FSH) culminando na estagnação do desenvolvimento folicular ovariano em estágios iniciais. **Conclusão:** A síndrome dos ovários policísticos gera alterações no sistema reprodutor feminino, devido principalmente aos fatores hormonais, podendo levar à infertilidade feminina. Diante disso, é importante correlacionar as disfunções ovulatórias com a infertilidade feminina, para assim direcionar o tratamento adequado ao conhecer detalhadamente a fisiopatologia desse processo.

Palavras-chave: Anovulação; Infertilidade Feminina; Síndrome dos Ovários Policísticos.

INFLUÊNCIA DA OBESIDADE NA FERTILIDADE FEMININA

BRAGA, I.O.¹; SILVA, E.F.²; BRAGA, Y.O.³

^{1,2} Acadêmico do curso de medicina das faculdades Santo Agostinho campus Vitória da Conquista, BA, Brasil.

³ Bacharel e Licenciado em educação física pelo Centro Universitário Jorge Amado Unijorge, campus salvador, BA, Brasil e Graduação em Farmácia pelo Centro Universitário UniFTC, campus Salvador, BA, Brasil.

E-mail do autor principal:iagobraga2700@gmail.com

Introdução: A fertilidade feminina é definida como a capacidade de conceber a concepção e pode ser prejudicada por distúrbios hormonais, aumento de citocinas e fatores de risco modificáveis como a obesidade. **Objetivo:** Associar as alterações da obesidade aos prejuízos na fertilidade feminina. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão da literatura feita através de pesquisa de artigos na base de dados lilacs e scielo. Os principais descritores utilizados foram infertilidade; fertilidade e obesidade, sendo selecionados artigos cujo tema principal abordava os aspectos da obesidade que prejudicam a fertilidade das mulheres, com ano de publicação entre 2007 e 2020 disponíveis em português, inglês e espanhol. **Discussão:** A obesidade afeta a fertilidade feminina produzindo disfunções ovulatórias pela secreção de hormônios e citocinas. Há aumento dos hormônios: adrenocorticotrófico (ACTH); cortisol e estradiol; diminuição de: hormônio do crescimento (GH); hormônio luteinizante (LH) e hormônio liberador de gonadotrofina (GnRH). As citocinas se elevam (adipocitocinas - fator de necrose tumoral alfa (TNF- α) e interleucina seis (IL-6); adipocinas – visfatina e vaspina). Assim, desenvolve-se um estado pró-inflamatório com danos oxidativos, que geram desordens no eixo hipotálamo-pituitário-ovário, que desregula o ciclo menstrual e afeta a capacidade reprodutiva da mulher. As alterações endócrinas da obesidade estão associadas à resistência de insulina, que atua nos receptores de LH e estimula a produção de androgênios e inibe a liberação da proteína carreadora de androgênios e favorece aumento de andrógenos. **Conclusão:** A obesidade, comum nas mulheres em idade reprodutiva, gera desequilíbrio hormonal e produção aumentada de citocinas que influencia o desenvolvimento de desordens ovulatórias. Isso interfere negativamente na fertilidade feminina, logo, é essencial analisar os fatores de risco modificáveis como a obesidade para diminuir os efeitos nocivos à capacidade fértil.

Palavras-chave: Infertilidade; Fertilidade; Obesidade.

MORBIMORTALIDADE POR SALPINGITE E OOFORITE NO BRASIL ENTRE 2008 E 2019: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

Neves, F.T.B.¹ Carvalho, L.A.¹ Carvalho, B.A.²

¹Acadêmia do Curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO, Brasil

²Médica formada pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO, Brasil

E-mail do Autor Principal: teixeirafilipe52@gmail.com

Introdução: A doença inflamatória pélvica é um processo inflamatório infeccioso que pode ascender para estruturas do trato genital superior, como tubas uterinas e ovários, causando a salpingite e a ooforite, respectivamente. O diagnóstico é essencialmente clínico e sem o devido tratamento aumenta significativamente a taxa de infertilidade, gravidez ectópica e dor pélvica crônica. **Objetivo:** O estudo tem como objetivo avaliar a taxa de morbimortalidade por salpingite e ooforite no Brasil entre os anos de 2008 e 2019. **Metodologia:** Estudo epidemiológico descritivo, de base populacional e transversal, cujos dados analisados foram retirados do DATASUS do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). **Resultados:** No período analisado, houve 179.626 internações por salpingite e ooforite no Brasil, sendo 40% na região nordeste. O pico de prevalência ocorreu entre 20 e 29 anos, representando 45% de todos os casos, mantendo-se significativo até os 49 anos. Excetuando crianças, a taxa de mortalidade aumentou progressivamente com a idade, sendo maior a partir de 80 anos (3,43%). No entanto a taxa foi baixa em todo o território nacional (0,09%). Ainda assim, vale ressaltar que a prevalência reduziu mais de 50%, enquanto a taxa de mortalidade apresentou aumento pouco significativo entre 2008 e 2019. **Discussão:** A salpingite e a ooforite são doenças com prevalência significativa entre mulheres jovens, em especial nas regiões de baixo índice de desenvolvimento social, muitas vezes relacionada a agentes sexualmente transmissíveis e manipulação do trato genital. A redução no número de casos está relacionada a melhor educação em saúde sexual para as mulheres. Entretanto o aumento na taxa de mortalidade pode estar relacionado ao diagnóstico tardio. **Conclusão:** A salpingite e a ooforite, apesar da baixa taxa de mortalidade, devem ser rapidamente diagnosticadas e devidamente tratadas devido ao alto risco de complicações, uma vez que o grupo de risco se encontra na faixa etária fértil

Palavras-chave: Salpingite; Ooforite; Epidemiologia

NEOPLASIA MALIGNA DA MAMA EM GOIÁS E NO BRASIL: UMA ABORDAGEM EPIDEMIOLÓGICA

Araki, A.M.¹; Brasil, A.C.C.C.A²; Prudente, A.L.R.³; Silva, A.M.T.C.⁴

¹Acadêmica do Curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO, Brasil

²Acadêmica do Curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil

³Acadêmica do Curso de Medicina da IMEPAC Centro Universitário, MG, Brasil

⁴Docente do Curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO, Brasil

E-mail do autor principal: aninhallprudente@gmail.com

Introdução: A neoplasia maligna da mama se dá pela multiplicação desordenada de células mamárias, gerando empilhamento de oncócitos, com a conseqüente formação do tumor. O câncer de mama é o tipo de tumor mais frequente, em mulheres, no Brasil e no mundo, com cerca de 25% de novos casos, todo ano. **Objetivo:** Determinar o perfil epidemiológico do número de internações, por neoplasia maligna da mama, no estado de Goiás e no Brasil, de janeiro de 2019 a julho de 2020, considerando a faixa etária e a etnia.

Metodologia: Trata-se de estudo epidemiológico. Os dados foram obtidos por meio do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), acessados no dia 09 de outubro de 2020. Os dados foram estratificados segundo a faixa etária e a etnia. **Resultados:** No recorte temporal analisado, houve um total de 112.762 casos de neoplasia maligna da mama. Em relação à faixa etária, foi observada predominância de casos no Brasil (27,9%) e em Goiás (28,3%), em indivíduos de 50 a 59 anos de idade. Em relação à etnia, a maior frequência ocorreu em pessoas brancas, no Brasil, e em parda, em Goiás, com 44,4% e 33,2%, respectivamente.

Discussão: A incidência do câncer de mama tende a crescer, progressivamente, a partir dos 40 anos, bem como a mortalidade, por essa neoplasia. Em relação à etnia, estudos mostram que mulheres brancas são mais propensas a desenvolver câncer de mama, do que as negras. No entanto, em mulheres com menos de 45 anos, o câncer de mama é mais comum, em mulheres negras. **Conclusão:** Conclui-se, portanto, que, no recorte temporal analisado, a neoplasia maligna da mama possui maior prevalência na faixa etária de 50 a 59 anos e etnias branca e parda. Dada a prevalência e mortalidade crescentes, o câncer de mama é um problema de saúde pública, o rastreamento e o diagnóstico precoce podem contribuir para a redução da morbimortalidade desta patologia no cenário nacional.

Palavras-chave: Neoplasia maligna da mama; Epidemiologia; Internações.

O TRAUMA DA MASTECTOMIA E IMPORTÂNCIA DA RECONSTRUÇÃO MAMÁRIA PARA PACIENTES COM CÂNCER DE MAMA

MEIJERINK, C.I.¹; SANTOS, Y.B.²; SCHUINSKI, A.F.M.³

¹ Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, Brasil.

² Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, Brasil.

³ Médica discente do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, Brasil

E-mail do Autor Principal: celineirismeijerink@gmail.com

Introdução: É notável ao longo da história a importância das mamas para a figura da mulher por estarem relacionadas à maternidade, sexualidade e feminilidade. Na contramão, o câncer de mama, com alta incidência nesse sexo, representa a perda desses componentes imagéticos, principalmente no tratamento principal, a traumática mastectomia. **Objetivo:** Avaliar os impactos da mastectomia e consequente importância da reconstrução mamária para pacientes de câncer submetidas à cirurgia. **Metodologia:** Inicialmente foi realizada uma pesquisa para reconhecimento do tema, tendo contado com 5 trabalhos. Uma segunda foi feita na base PUBMED a partir dos descritores (breast reconstruction) AND (importance OR self-esteem) AND (woman) AND (cancer OR mastectomy), contando com 642 resultados, dos quais 22 foram selecionados. **Discussão:** A mastectomia é um trauma. No mapeamento dos motivos, os principais encontrados são a significância atribuída às mamas, perda da feminilidade e estimulação sexual, além de dor fantasma, desequilíbrio de peso, assimetria, linfedema e baixa na autonomia. A perda da autoestima é generalizada e piora a resposta ao tratamento, de forma que a mastectomia seria uma extensão da doença atenuável pela cirurgia reconstrutiva, já que esta promove melhores índices de satisfação com a autoimagem quando presente. Assim, a maioria das pacientes deseja o procedimento para tentar reverter sua identidade e autoestima. A superação do constrangimento social e a procura de reversão da beleza e feminilidade somam importância à cirurgia. **Conclusão:** Os impactos da mastectomia são diversos, mas os principais se pautam na autoimagem e em questões sexuais. Consequentemente, a reconstrução mamária adquire importância por amenizar o componente de autopercepção e melhorar autoestima e relações sociais. Embora essas questões sejam consideradas futilidades, assumem contornos de grande relevância no tratamento do câncer, devendo ser valorizadas para devolver qualidade de vida às pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Mastectomia, Autoimagem, Câncer de Mama, Reconstrução da Mama.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE MULHERES QUE EVOLUÍRAM A ÓBITO POR CÂNCER DE COLO DO ÚTERO NO PERÍODO DE 2014 A 2018 NO ESTADO DE SÃO PAULO

Andrade, V.G.¹; Azambuja, R.S.²; Furlan, M.R.³.

¹Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade de Taubaté, Campus Bom Conselho, SP, Brasil.

²Acadêmica do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Campo Grande, MS, Brasil.

³Docente do Curso de Medicina da Universidade de Taubaté, Campus Bom Conselho, SP, Brasil.

E-mail do autor principal:vitoria.gouveia1@hotmail.com

Introdução: O câncer de colo uterino (CCU) possui como principal fator de risco a infecção persistente pelo papilomavírus humano (HPV). Embora prevenível, apresenta alta taxa de mortalidade. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico das mulheres que evoluíram a óbito devido ao CCU no Estado de São Paulo (ESP) no período entre 2014 e 2018. **Metodologia:** Estudo epidemiológico transversal descritivo baseado nos registros do Banco de Dados Eletrônico do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) no período de 2014 a 2018. Foram coletadas as informações: faixa etária e escolaridade. Os aspectos éticos estão de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. **Resultados:** Verificou-se um total de 4.286 óbitos por CCU no ESP no período estudado. Quanto a faixa etária de 15-19 anos, tinham 3 mulheres, de 20-29 anos 125, de 30-39 anos 522, de 40-49 anos 771, de 50-59 anos 966, de 60-69 anos 885, de 70-79 anos 615 e de 80 anos ou mais 399. Referente à escolaridade, tiveram 0 anos de estudo 413 mulheres, 1-3 anos 1.029 mulheres, 4-7 1.007, 8-11 857, 12 anos e mais 254 e tiveram a escolaridade ignorada 726. **Discussão:** Estar na faixa etária de 50 a 59 anos e ter baixa escolaridade foram fatores determinantes do óbito por CCU. O grande intervalo entre a infecção pelo HPV e a manifestação da neoplasia e a não contemplação de todas as mulheres pelo programa de rastreamento da doença impossibilitam o diagnóstico e tratamento precoce das lesões precursoras, contribuindo para a elevada taxa nessa faixa etária. Ademais, mulheres com menor escolaridade são mais vulneráveis à essa morbidade, já que possuem menor acesso aos serviços de saúde e são mais expostas aos fatores de risco. Logo, ainda que prevenível, o CCU representa um problema de saúde pública, demandando ações que visem a diminuição do número de óbitos. **Conclusão:** O perfil epidemiológico das mulheres nesse estudo é caracterizado pela idade de 50 a 59 anos e com 1 a 7 anos de estudo.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS TIPOS DE PARTO NO ESTADO DO MATO GROSSO ENTRE 2015 E 2019

DELL ORTO, J.A.C.; BORGES, J.R.¹;LIMA, V.P.B.de¹;QUEIROZ,K.F. de¹; NASCIMENTO, C. E.C.¹; SAMPAIO, J.I.P.¹;PREVEDELLO, A.S.; LIBONI, B.S.²; ALESSIO, A.M.

¹Estudante do Curso de medicina, ICS, Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Sinop, MT.

²Professor do Núcleo de Pesquisa e Apoio Didático em Saúde, ICS, UFMT, Sinop, MT.

E-mail autor principal: jessicadellorto@hotmail.com

Introdução: Ao longo dos anos os partos por via cirúrgica têm aumentado no Brasil, fato preocupante, pois realização indiscriminada de cesarianas aumenta o risco de complicações para mãe e feto. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico dos tipos de nascimento no estado de Mato Grosso entre 2015 e 2019. **Metodologia:** Estudo transversal e descritivo. Coletou-se dados da Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso e os aspectos éticos seguiram a Resolução do Conselho Nacional de Saúde número 510/2016. **Resultados:** Foram notificados 75.693 partos, 59,1% cesárea e 40,9% vaginal. A macrorregião Centro Norte teve o maior número de nascimentos (34,6%) e a Oeste o menor (12,3%). Em relação a faixa etária, 45,2% dos partos ocorreu em mulheres de 20-29 anos, 37,4% em 30-39 anos e 12,1% em 12-19 anos. Quanto ao parto vaginal, 47,7% foi entre 20-29 anos, 33% em 30-39 anos e 15,5% em 10-19 anos. Já a cesariana, 43,4% ocorreu entre 20-29 anos, 40,4% em 30-39 anos, 9,7% em 10-19 anos. O maior número de partos ocorreu em pardas (54,6%). O parto vaginal ocorreu mais em indígenas (74%) e a cesárea em brancas (66%). **Discussão:** A ocorrência de cesáreas comparada ao parto vaginal foi maior quanto maior a idade materna, provavelmente devido a comorbidades e complicações em gestação e parto, aumentadas à medida que a mãe envelhece. A macrorregião Centro Norte, que inclui o município de Cuiabá, foi onde ocorreu o maior número de nascimentos, já a Oeste, que inclui Pontes e Lacerda e Sapezal, teve o menor índice. Nota-se um número maior de partos vaginais em indígenas devido à cultura e ao baixo acesso a serviços de saúde da etnia. **Conclusão:** O predomínio da cesárea reflete a cultura brasileira da "cesárea eletiva" sobrepondo aos indicativos clínicos de vias de parto. O número de nascimentos nas macrorregiões foi proporcional com a população residente local. O maior número de partos ocorreu em adultas jovens pardas, o tipo vaginal predominou em indígenas e cesariana em brancas.

Palavras-chave: Parto; Cesária; Parto Natural; Epidemiologia.

PERFIL ÉTNICO-RACIAL DOS ÓBITOS MATERNOS NO BRASIL: A COR DA MORTALIDADE MATERNA DE UMA DÉCADA

Barbosa, D.G.¹; Costa, D.O.²; Neto, L.F.L.S.²; Cardoso, L.C.³; Pimentel, T.M.³; Guimarães, N.B.⁴

¹Acadêmico do curso de medicina da Universidade do Estado do Pará (UEPA) Campus Belém, PA, Brasil

²Acadêmico do curso de medicina da Universidade do Estado do Pará (UEPA) Campus Belém, PA, Brasil

³Acadêmico do curso de enfermagem da Universidade do Estado do Pará (UEPA) Campus Belém, PA, Brasil

⁴Médico e docente do curso de medicina da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail do Autor Principal: barbosagabrieldavi@gmail.com

Introdução: A mortalidade materna é o óbito no período da gestação ou após 42 dias do parto que ocorre por complicações sendo prevalente no Brasil. Isso aponta que os serviços de saúde não ampliam os direitos sexuais e reprodutivos e não garantem uma atenção obstétrica segura, sobretudo, para mulheres pretas e pardas que sofrem mais intensamente pelo racismo estrutural. **Objetivo** Analisar o perfil étnico-racial dos óbitos maternos entre 2009 e 2018 no Brasil. **Metodologia:** Estudo ecológico com uso de dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do DATASUS sobre os óbitos maternos entre 2009 e 2018, referentes às variáveis cor/raça com abordagem da faixa etária. **Resultados:** Registraram-se 16993 óbitos maternos no Brasil entre 2009 e 2018 que, segundo a raça/cor, as mulheres pretas e pardas representam 64,5% de todas as mortes, seguida das brancas (33,7%) e indígenas (1,5%). Referente às idades das pretas e pardas, as de 20 a 29 anos (41,2%), 30 a 39 anos (35,6%) e 15 a 19 anos (13,8%) prevaleceram. **Discussão:** Indicadores como as intervenções na gestação abaixo do necessário, maiores episiotomias e cesarianas, menor número de consultas e exames pré-natais, menor uso de ocitocina e aplicação de analgesia e menos orientações são causas decorrentes do racismo estrutural. Esse fato pode ser demonstrado pelas 10505 mortes de mães pretas e pardas quando comparadas às 5495 mortes de brancas. Os problemas relacionados à gravidez, ao parto e ao puerpério caracterizam-se como o sétimo grupo de causas que mais vitimou adolescentes e jovens adultas, corroborando os dados referentes às maiores mortes maternas entre mulheres jovens pretas e pardas de 15 a 39 anos (90,9%). **Conclusão:** As desigualdades no acesso e no processo do cuidado materno, envolvendo a atenção à gestação e ao parto, relaciona-se diretamente com a qualidade e a equidade da atenção ofertada às mulheres pretas e pardas as quais perduram mediante as preconceções étnico-raciais estruturadas no Brasil.

Palavras-chave: Grupos Étnicos; Iniquidade Social; Mortalidade Materna.

REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA BRASILEIRA: PROLAPSO UTERINO

TAKAHARA, M. Y.¹; SILVA, A. L.²; RODRIGUES, R. W. P.³

¹ Presidente da Liga Acadêmica de Anatomia Clínica Jean Testut (LAACJT), discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso Campus Sinop, MT, Brasil;

² Ligante da Liga Acadêmica de Anatomia Clínica Jean Testut (LAACJT), discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso Campus Sinop, MT, Brasil;

³ Orientador da Liga Acadêmica de Anatomia Clínica Jean Testut (LAACJT), Docente do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Mato Grosso, Sinop, MT, Brasil. E-mail da autora principal: marinayurit@gmail.com

Introdução: o prolapso uterino é caracterizado pela disfunção das estruturas músculo-fasciais responsáveis por manter ou suspender o útero na sua posição normal na cavidade pélvica. Tal disfunção tem origem multifatorial e causa sensação de massa no canal vaginal, dor e sangramentos. É uma realidade recorrente entre as mulheres brasileiras, sendo necessária uma revisão acerca dos conhecimentos nacionais fundamentais para a prática médica. **Objetivos:** revisar a literatura nacional acerca do prolapso uterino e fornecer aos profissionais da saúde acesso rápido a informações relevantes e atuais que fundamentem as condutas. **Metodologia:** foram utilizados três descritores: “prolapso uterino”, “prolapso genital” e “prolapso de órgãos pélvicos” na plataforma Scielo, obtendo 130 resultados. Foram descartados editoriais, cartas ao editor, relatos de casos, artigos em idioma diferente de português e artigos não brasileiros. **Discussão:** após aplicados os critérios de exclusão restaram 10 artigos. Foi encontrado o consenso de que as manifestações clínicas dependem da gravidade do caso, podendo ser assintomático, mas os principais sintomas são sensação de peso na pelve, dor e sangramentos vaginais. Nos casos mais graves o útero exposto pode tornar-se inflamado ou infectado. A causa é a fragilidade das estruturas de sustentação uterina e os fatores de risco são idade avançada, aumento da pressão intra-abdominal, multiparidade, traumas cirúrgicos e distúrbios genéticos do tecido conjuntivo. O diagnóstico é geralmente feito a partir da anamnese e do exame físico. O tratamento depende da gravidade dos sintomas, do desejo de gestar e do risco de recorrência. As principais condutas baseiam-se em: fisioterapia, pessários ou correção cirúrgica. **Conclusão:** a resolução dessa doença é dificultada pela omissão de queixas por parte de muitas que o aceitam como consequência natural do envelhecimento. Ademais, a literatura brasileira mostrou-se suficiente para a clínica generalista.

Palavras-chave: Prolapso Uterino; Anatomia; Diagnóstico; Tratamento

VIOLÊNCIA CONTRA A GESTANTE NOS ÚLTIMOS 5 ANOS NO ESTADO DE MATO GROSSO

Martins, L.S.¹; Araújo, M.C.M.¹; Filho, E.R.P.¹; Medici, V.A.¹; Pina, A.B.A.S.¹; Prevedello, A.S.²; Liboni, B. S.²; Alessio, A.M.²

¹Acadêmico do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso Campus Sinop, MT, Brasil

²Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso Campus Sinop, MT, Brasil

E-mail autor principal: luanasodrem@hotmail.com

Introdução: A violência contra a mulher é um importante problema de saúde pública. Durante a gestação a agressão pode causar sérias consequências para o binômio mãe-feto. **Objetivo:** Descrever o perfil socioepidemiológico de vítimas de agressão na gestação em Mato Grosso entre 2015 e 2019. **Metodologia:** Estudo descritivo e retrospectivo. Os dados foram coletados da Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso. Foram excluídas pacientes com variáveis em branco. Aspectos éticos seguiram a Resolução do Conselho Nacional de Saúde número 510/2016. **Resultados:** Das 468 pacientes que sofreram violência na gestação, 13% ocorreram em 2015, 15% em 2016, 18% em 2017, 24% em 2018 e 30% em 2019. Em relação a faixa etária, 51% tinham menos que 19 anos. 73% eram pardas ou pretas. 54% cursavam fundamental, 39% ensino médio e apenas 7% superior. 61% sofreram violência física e 39% violência sexual. Em relação ao autor da agressão, 59% foram pelos atuais ou ex-companheiros. Em 100% dos registros não ocorreu intervenção legal. **Discussão:** As notificações foram crescentes no período, refletindo menor aceitabilidade da violência e maior visibilidade. Os companheiros serem os principais agressores, demonstra o direito socialmente aceito do homem dispor da vida da mulher e a naturalização desse fenômeno. Mulheres mais jovens foram a maioria, essas possuem maior inexperiência, inclusive em situações de violência. A raça parda ou negra, população historicamente mais vulnerável, também foi a maioria e a baixa escolaridade, que pode interferir no relacionamento familiar e dificultar o manejo de problemas cotidianos, gerando reações violentas. **Conclusão:** Destaca-se que as notificações foram crescentes, a maioria são mulheres menores de 19 anos, pardas ou pretas, com poucos anos de estudo, agredidas por atuais ou ex-companheiros e a intervenção legal não ocorreu em nenhum dos casos. Estudos epidemiológicos contribuem para planejamento de ações de prevenção e assistência às vítimas de violência.

Palavras-chave: Gestantes; Violência contra a mulher; Violência Sexual